

Resenha

Ativismo em produção editorial: a ação direta do SP Invisível em “A pandemia que ninguém vê”.

(SOLER, André; LIMA, Vinícius.

A pandemia que ninguém vê. São Paulo: SP Invisível, 2020)

Antonio Augusto Braighi¹

Todo (o) mundo sabe o que a pandemia do novo Coronavírus causou; será? Inevitavelmente, fomos todos afetados pelo surgimento da Covid-19, enfermidade em breve tempo tomada como pandemia, vitimando milhares de pessoas mundo afora. Todavia, buscando se proteger de uma doença desconhecida, a sociedade – ou boa parte dela, a que podia – se enclausurou como conseguia. Assim, talvez, se distanciou ainda mais daqueles que já viviam em invisibilidade.

Nesse contexto, consolida-se “a pandemia que ninguém vê”; aquela que afeta Alexandres, Micheles, Teresas e Danilos. Sim; pessoas comuns, como eu e você. Todavia, compõem esse universo sujeitos que portam nomes, mas tantas vezes são identificados, quando lembrados, apenas pela alcunha de moradores de rua, léxico com valor antonômásico, sobredeterminante, numa descrição tantas vezes discriminativa.

Eles (e elas) estavam nas ruas, assim como os profissionais do *delivery*, pessoas que não puderam atender à *hashtag*, pois tiveram que sair justamente para que outros pudessem cumprir o *#fiqueemcasa*. Assim, conseguiram o sustento, mesmo em tempos difíceis. Enquanto cortavam as avenidas em suas motos e bicicletas, cruzaram com poucas pessoas, senão sempre com aqueles (e aquelas) que subsistiam da coleta de resíduos, dos itens comumente descritos como lixo por quem os descartam. Quem trabalha com a reciclagem não parou de lutar.

Do outro lado da cidade, uma outra luta igualmente ocorrida. Também pela vida, batalhavam profissionais da saúde – peritos em enfermagem e medicina que pouco são lembrados, senão nos momentos mais graves –, empreendendo uma disputa sem precedentes contra um vírus desconhecido e que insistia em querer vencer. Quando isso

1. Professor no Departamento de Linguagem e Tecnologia (DELTEC) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Doutor em Linguística do Texto e do Discurso (Estudos Linguísticos) pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

ocorria – e, infelizmente, não foram poucas as vezes –, aos que tinham ofício nos cemitérios outra pelega cabia. E o quanto, sobre eles, a sociedade sabia? Pouco, talvez.

No entanto, os grupos supramencionados, tantas vezes apagados socialmente e que, durante a pandemia, tiveram poucas opções senão resistir, ganharam espaço em mais um projeto do SP Invisível. Trata-se do livro “A pandemia que ninguém vê” (SOLER; LIMA, 2020), publicação idealizada e com fotografias de André Soler. Ele e Vinícius Lima capitaneiam, desde 2014, a mencionada “ONG de conscientização social, [a qual] busca transformar a vida de pessoas em situação de rua, recuperando sua dignidade e autoestima”².

Nesse sentido, a obra aqui resenhada é apenas uma das ações do projeto. Ao longo dos últimos anos, o SP Invisível foi o responsável pela realização de diversas campanhas, algumas delas sazonais – como aquelas que ocorrem no Natal, na Páscoa e no inverno – e outras que se dão em razão dos acontecimentos, beneficiando, principalmente, pessoas em situação de rua. Para tanto, a iniciativa vale-se das redes sociais on-line, tanto para divulgar e, assim, empreender *crowdfunding*³ quanto para expor as histórias de vida de homens e mulheres sem lar. É assim que, aos poucos, o SP Invisível se consolidou como um importante “movimento de humanização dos olhares da sociedade” (SOLER; LIMA, 2020, p. 9).

Do virtual para o impresso, em 2016, Soler e Lima (2016) lançaram o primeiro livro da ONG: “A cidade que ninguém vê”. No material, davam visibilidade para histórias de vida do público-alvo do projeto. Em 2020, voltaram à carga com mais uma publicação, desta feita com o intuito de evidenciar particularidades trazidas pela emergência do novo Coronavírus. Na obra aqui tratada, mantiveram apostas editoriais feitas na primeira abordagem, como o destaque às imagens e a veiculação de depoimentos, relativamente curtos, mas agudos, de vários entrevistados.

Assim, em “A pandemia que ninguém vê” (SOLER; LIMA, 2020), tem-se 224 páginas nas quais se encontram os relatos de 100 pessoas, divididos em cinco capítulos: População em situação de rua; Profissionais de cemitérios; Profissionais de entrega; Profissionais de reciclagem; e Profissionais de Saúde. Conjuntos que guardam particularidades, ainda que as falas relacionadas nesse belo trabalho mostrem precisamente o que significa a palavra heterogeneidade. Ao ler as histórias de vida presentes no livro, ao final de cada parte o leitor provavelmente sairá com a sensação de que os estereótipos são mesmo muitíssimo rasos diante do quadro multiforme, multi-identitário, complexo, enfim, que se relaciona a cada grupo evidenciado.

² Conforme site da iniciativa. Vide: <https://www.spinvisivel.org/faq>. Acesso em: 2 mar. 2021.

³ Para o levantamento de recursos financeiros, justamente para a realização das campanhas. Vide, por exemplo: <https://www.catarse.me/spsemfrio2019>. Acesso em: 3 mar. 2021.

Tais impressões advêm dos textos verbais dos entrevistados; as falas são reproduzidas em primeira pessoa e foram mantidas, inclusive, algumas gírias e outros traços ligados às variações linguísticas – estratégia que deu valor de verdade aos testemunhos e a sensação de que, literalmente, foi dada voz aos personagens. Em cada texto, frases foram caprichosamente realçadas pelos editores da obra, deixando rastros, pistas que nos ajudam a (des)construir uma ideia de cada grupo em destaque a partir de uma narrativa paralela. Não obstante, o pictórico também é central em cada seção. Não poderia ser diferente, afinal o SP Invisível se destaca nas mídias sociais, tais como o Instagram⁴, entre outros fatores pelos registros fotográficos e a forma como eles são capazes de ajudar a contar uma história.

No livro, as imagens apresentam planos variados⁵, mas quase sempre destacam o olhar dos sujeitos ali enquadrados. São olhos que, em geral, encaram o leitor, mas o deixa na dúvida sobre o que revelam; a sensação é a de que eles têm a dizer mais do que o pouco que ali foi relatado. Mas, além disso, esses olhares conjugam-se em meio às mais variadas paisagens urbanas, correlacionadas por um fio condutor quase imperceptível: um fundo azul-tristeza das cidades contornando boa parte dos invisibilizados⁶. São imagens que pedem análise – e não falo de uma leitura semiótica apenas; são fotos para refletir, na verdade para fruir sobre a verdade.

Imagem 01 - Danilo, um dos entrevistados, em registro ao receber o livro “A pandemia que ninguém vê”.



Fonte: Postagem da página do SP Invisível no Instagram

4 Rede social na qual tem mais de 150 mil seguidores. Vide: <https://www.instagram.com/spinvisivel/> - Acesso em: 2 mar. 2021.

5 Com exceção do último capítulo, Profissionais de Saúde, em que todos os entrevistados foram enquadrados em primeiro plano (do peito para cima) e fotografados em estúdio. Destaca-se, nesse caso, ainda a utilização de um fundo vermelho, cor predominante no projeto editorial.

6 Destaque, então, ao tratamento de imagens realizado por Rafael Vilela.

Dispondo personagens em páginas paralelas, verbal e imagético se conformam para tratar do presente, de como cada um daqueles cidadãos e cidadãs vinha passando pela pandemia de Covid-19. Contudo, tratava-se ali também de pretéritos – o que levou cada personagem até aquele momento/lugar – e de futuros – senão de sonhos, da intermitência de um “se” que depende de uma série de condições. Em meio a um cenário de caos trazido pelo novo Coronavírus – acentuando realidades que já eram duras –, observa-se, contudo, muita vida e esperança.

Tem-se, assim, um livro que traz (alguma) luz: a um contexto emaranhado por múltiplos fatores e problemas ainda sem solução, dando, para tanto, voz a quem tem (ou deveria ter) lugar de fala privilegiado para nos explicar tais nuances; às situações-problema que são conhecidas/vivenciadas não só por brasileiros, mas até por venezuelanos e haitianos, também escutados; às condições vividas por profissionais da saúde, que não tiraram a máscara sequer para as fotos – demonstrando o estado de alerta permanente em razão de uma pandemia para a qual várias autoridades fecharam os olhos; às disparidades e conexões entre pessoas distintas; com narrativas intergrupos que se completam e se explicam; aos intrincados bastidores da sociedade contemporânea – da uberização, dos privilégios, da ausência de home-office; com vozes quebrando o silêncio de postos sempre enlutados – como os cemitérios; com aqueles que, enfim, pararam para conversar – ainda que não tenham tempo; e, enfim, com quem finalmente pôde falar, pois encontrou quem os ouvisse.

Quem tiver acesso a este livro, poderá ver ainda, na quarta capa da publicação, o inteligente e didático jogo de palavras de Fábio Porchat sobre invisibilidade social, bem como ao objetivo, mas não menos belo e poético, prefácio do emérito Padre Júlio Lancellotti, no qual ele destaca: “a imagem de cada pessoa vela e revela a força da vida que resiste e insiste, e até persiste, mesmo que faça chorar”.

Vale dizer, por fim, que o que o SP Invisível faz, em nossa opinião, é uma espécie de ativismo pela (através da) produção editorial. O livro acende alertas de variados matizes para quem o lê. Expondo peculiaridades da vida de diversos sujeitos invisibilizados, trata simultaneamente de realidades nas quais estamos todos de alguma forma inseridos e, portanto, sobre a qual temos igual responsabilidade e necessidade de agir. A obra, afinal, pode ser considerada um mecanismo de ação direta (JORDAN, 2002), pois, mais do que um registro, representa uma intervenção social que visa acionar afetos em seus leitores para tomada de posição diante a(os) múltiplos problemas sociais.

De nada adianta, porém, ler os depoimentos e fruir sobre as imagens, devolvendo o livro à estante ao finalizá-lo. É fundamental que o conjecturável efeito patêmico gere efetivo engajamento do leitor. Assim, quando dissemos que os olhos e olhares dos entrevistados dão a sensação de que eles teriam a dizer mais do que se pode absorver dos textos, talvez devido à limitação dos depoimentos na obra, parece ficar

latente o convite à ação. Em uma palavra, que o cidadão-leitor não precise tanto do intermediário SP Invisível e vá ao encontro da pessoa em situação de rua para ouvi-la e apoiá-la, mobilizando esforços para que publicações, como a que foi aqui evidenciada, não sejam mais tão necessárias como ainda o são agora.

REFERÊNCIAS

JORDAN, Tim. **Activism!** Direct action, hacktivism and the future of society. London: Reaktion Books, 2002.

SOLER, André; LIMA, Vinícius. **A cidade que ninguém vê**. São Paulo: SP Invisível, 2016.

SOLER, André; LIMA, Vinícius. **A pandemia que ninguém vê**. São Paulo: SP Invisível, 2020.

4 O trabalho destes autores discute como a etnofotografia pode ser um recurso aliado à formação em Administração, com ênfase para sua subáreas (Marketing, Gestão de Pessoas etc.), mas contempla a possibilidade de que este recurso metodológico seja aplicado para outros campos do conhecimento científico.